Dia 31 — São Raimundo Nonato, Confessor

Nasceu São Raimundo na Catalunha, no ano de 1204, sendo sua pátria a vila de Portell, bispado de Urgel, e sua família das mais distintas, tanto por sua nobreza como por suas alianças com as ilustres casas de Foix e de Cardona. Veio à luz do mundo depois de morta sua mãe, a quem abriram e tiraram-no vivo e são, contra toda esperança dos mais hábeis médicos; pelo que se lhe deu o nome de Nonato, ou de Não Nascido. A este que podemos chamar milagroso nascimento acrescentou-se o singular favor com que o Senhor o preveniu, dotando-o de uma belíssima índole e de uma inclinação à virtude que se antecipou à idade e à educação.

Logo que chegou a ter uso de razão, vendo-se sem mãe na terra, resolveu escolher-se outra melhor no céu. Dedicou à Santíssima Virgem todas as ternuras de filho e tomou-a desde então por sua doce mãe, não a mencionando jamais senão com este nome terníssimo. Em meio de sua meninice, nada o entretinha nem em nada achava gosto senão na oração. Toda a sua diversão eram suas devoções, sobretudo aquelas que se dirigiam à soberana Rainha dos céus. Quando se encontrava com alguma imagem sua, rendia-lhe especial culto; tanto que, observada de todos sua extraordinária ternura com a Mãe de Deus, chamavam-no geralmente o filho de Maria. Pôs-se bastante cuidado em criá-lo bem; mas seu belo natural poupava aos preceptores muita parte do trabalho na educação. Dotado de excelente engenho e de não menor aplicação, fazia rápidos progressos nos estudos; mas seu pai não quis que prosseguisse neles, receando, em vista de sua devoção, que se inclinasse a abraçar o estado eclesiástico ou religioso; e, para desviá-lo deste pensamento, enviou-o a uma quinta sua, encarregando-lhe o governo e a administração daquela fazenda, não obstante sua terna idade; tudo com o fim de que, divertido naquela ocupação, não pensasse em outra coisa. Obedeceu Raimundo e, sem penetrar os intentos de seu pai, de tal maneira se acomodou com aquela vida que ela mesma lhe serviu para pôr em execução o plano que já havia idealizado de dedicar-se a Deus em vida retirada e penitente. Enamorado daquela solidão, ele mesmo quis ser o pastor de seus rebanhos; e, enquanto as ovelhas pastavam no monte, apascentava ele sua alma com a contemplação das coisas celestiais, ocupando todo o dia em devotos exercícios. Sua maior pena era não poder tributar à Santíssima Virgem as devoções acostumadas em alguma igreja dedicada a esta Senhora, como o fazia quando estava em casa de seu pai. Mas o Senhor proveu a esta necessidade. Costumava o piedoso pastorzinho conduzir seu gado ao pé de uma montanha, onde encontrou uma ermida abandonada e junto a ela uma capela onde ainda se conservava uma belíssima imagem da Santíssima Virgem. Não se pode explicar o gozo de Raimundo quando se achou com aquele doce objeto de suas amorosas ânsias. Desde então não se lembrou mais das igrejas de Portell. A ermida foi todo o seu embevecimento, e a capela, sua acostumada mansão. Naquele exercício comunicou-lhe Deus um extraordinário amor e gosto à solidão; e, acrescentando à oração muitas penitências, cada dia se ia fazendo mais grato aos olhos do Senhor. Puseram em grande cuidado o demônio aqueles princípios, e não era possível

que deixasse em paz nosso santo. Apareceu-lhe, pois, em figura de outro pastor e, travando conversação com ele, procurou desgostá-lo da solidão. «Admiro-me (disse-lhe) de que um menino de teu nascimento, de tua distinção e de teu engenho se ocupe em ofício tão humilde, dedicado a guardar ovelhas e entregue a uma vida rústica, grosseira e indecente.» Representou-lhe depois os gostos e as conveniências que podia gozar no mundo; e, deslizando pouco a pouco o espírito imundo em outras matérias, começou a tocar-lhe espécies que sobressaltaram estranhamente sua pureza e sua inocência. Todo assustado o santo mancebo, levantou os olhos ao céu, implorando a proteção da Santíssima Virgem, e só ao nome de Maria desapareceu o demônio, dando um espantoso grito, acompanhado de uma espessíssima fumaceira que inficionou o ambiente, enchendo-o de um fedor intolerável. Reconhecendo o santo a malignidade do tentador, correu à capela, prostrou-se aos pés da Santíssima Virgem e suplicou-lhe que o protegesse contra os artifícios de tão temível inimigo. Foi ouvida sua oração; e, cumulado abundantemente de consolos celestiais, consagrou-se de novo por toda a vida ao serviço de tão amorosa Mãe.

Vendo o demônio que lhe havia saído tão mal seu maligno intento e que estavam descobertos seus enredos, valeu-se da inveja dos outros pastores para molestar o santo e para interromper-lhe seus devotos exercícios. Foram contar a seu pai que Raimundo, ocupado unicamente em suas devoções, não cuidava do gado, deixando-o morrer de fome, e que ele mesmo se poderia informar por seus próprios olhos desta culpável negligência. Dando o pai crédito ao que lhe diziam, passou um dia secretamente à fazenda e viu que estava guardando seu gado um pastorzinho de tão extraordinária formosura que lhe causou respeito e admiração. Como não achou em sua companhia seu filho, encaminhou-se à capela, onde o encontrou em oração; e, perguntando-lhe quem era aquele zagal a quem havia encarregado que guardasse as ovelhas, ignorando o santo menino o milagre que fazia por ele a divina Providência, arrojou-se aos pés de seu pai e, desfazendo-se em lágrimas, pediu-lhe perdão daquele descuido. Conheceu então o pai que tudo era obra de Deus: enterneceu-se; e, não querendo impedir-lhe seus piedosos exercícios, abraçou-o amorosamente e retirou-se. A este favor do céu seguiu-se outra graça maior. Apareceu-lhe a Santíssima Virgem e declarou-lhe que o zagal que havia visto seu pai era um anjo a quem a mesma soberana Rainha havia encarregado de cuidar do gado enquanto ele cumpria suas devoções; mas que ainda lhe queria fazer outra graça mais singular, e era que deixasse a solidão e entrasse numa religião fundada com o nome de Nossa Senhora das Mercês, onde era sua vontade que vivesse toda a vida. Indizivelmente consolado Raimundo ao receber uma ordem tão positiva da mesma Mãe de Deus e tão conforme a sua inclinação, valeu-se do conde de Cardona, seu parente, para alcançar o consentimento de seu pai; e, obtido este, o mesmo conde o enviou a Barcelona para que tomasse o hábito de Nossa Senhora das Mercês. Conheceu-se por seu ar, por seu nome e por sua virtude que era um regalo que o céu apresentava à nova família; e entrou no noviciado, recebendo o santo hábito da mão de São Pedro Nolasco.

Logo fez muitas vantagens a virtude do recente noviço à dos professos mais antigos. Seu fervor, seu desapego de todas as coisas, sua devoção, sua obediência, sua excessiva mortificação e sua profunda humildade eram superiores a toda admiração. Enfim, fez tão extraordinários progressos na perfeição de seu estado que, dois ou três anos depois de sua profissão, julgou-se digno de confiar-lhe um dos mais importantes empregos e ministérios de seu sagrado instituto. Este foi enviá-lo às costas da Berbéria para tratar com os infiéis sobre o resgate dos cativos cristãos, com o título e faculdades de redentor. Nenhum desempenhou tão caritativo ministério nem com maior

valor, nem com maior prudência, nem com maior santidade. Chegado a Argel, encontrou tão grande número de cristãos cativos que, consumido todo o cabedal que levava da redenção em resgatar os que pôde, vendo que este não alcançava para todos, conseguiu a liberdade de muitos, ficando ele mesmo por escravo em seu lugar, movido a tão magnânimo sacrifício de sua própria liberdade para desviar muitos infelizes do perigo em que se achavam de apostatar da fé.

Este milagre de caridade, que até então apenas tinha exemplar, pô-lo muito logo em ocasião de padecer uma espécie de martírio. Os mouros a quem se encomendou sua custódia trataram-no com tanta barbaridade que se temeu muito por sua vida. Informado disto o cádi, ou corregedor de Argel, temendo que, se perdia a vida, perder-se-ia também a avultada soma que estava prometida por seu resgate, expediu uma ordem mandando que não se lhe fizesse outro mau trato que o correspondente às cargas ordinárias do cativeiro, sob pena de que, se morresse nele à violência do excessivo rigor, os transgressores pagariam a soma que estava estipulada por sua liberdade. Afligiu muito o santo este tal qual alívio, como quem ansiosamente anelava pelo martírio, ao menos da caridade. Mas, já que seus pecados (como ele dizia) o haviam privado da dita de perder a vida pela liberdade daqueles pobres escravos resgatados com o preciosíssimo sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, quis aproveitar-se bem da que lhe davam para andar livremente pela cidade. Dia e noite visitava os fossos e os calabouços aonde eram conduzidos os novos cativos que chegavam a Argel: consolava-os em sua desgraça, fortalecia-os na fé e suavizava seus trabalhos com a esperança da redenção. Não contente com animar e esforçar os cristãos, estendia-se sua caridade até os próprios infiéis. Concedeu-lhe Deus a graça de converter alguns, que foram batizados por sua mão; mas tardou pouco em receber a recompensa de seu zelo. Informado o governador, e furiosamente irritado por aquelas conversões, condenou-o a ser empalado; e ter-se-ia executado esta cruel sentença se não tivessem mediado as poderosas intercessões dos interessados em seu resgate, que, por não perdê-lo, puderam conseguir que se comutasse numa horrível surra de paus.

Mas nem este insuportável tormento foi bastante para que deixasse de continuar suas instruções a todos os que as queriam ouvir. Denunciaram-no de novo ao governador, que mandou açoitá-lo por todas as ruas públicas da cidade; e, conduzido depois à praça maior, o carrasco furou-lhe os dois lábios com um ferro quente; passou-lhe por eles uma cadeia e com um cadeado lhe fechou a boca, entregando a chave ao governador, que a tinha sempre em seu poder e não a dava senão naquelas horas em que era preciso que tomasse algum alimento. Além disso, mandou encerrá-lo num escuro calabouço, onde esteve oito meses até que chegou seu resgate.

Como sentia sua alma tanto consolo em padecer pelo nome e pela fé de Jesus Cristo, pediu com grandes instâncias aos superiores que lhe permitissem passar o resto de seus dias naquele país, que considerava o único para proporcionar-lhe a suspirada coroa do martírio; mas lhe foi preciso obedecer. Querendo o papa Gregório IX honrá-lo com a sagrada púrpura, criou cardeal do título de Santo Eustáquio o glorioso confessor de Cristo. Fez-lhe tão pouca impressão aquela eminente dignidade que não mudou de traje nem deixou de continuar o método de sua penitente vida. Retirou-se a seu convento de Barcelona, sem que o conde de Cardona, seu parente, o pudesse jamais reduzir a que admitisse o trem de cardeal nem sequer permitisse que se alfaiasse sua cela com alguma maior decência.

Era sempre igualmente acesa sua caridade com todos os necessitados. Tendo encontrado um pobre transido de frio e desnuda a cabeça, movido de compaixão, abraçou-o ternamente e, não tendo que dar-lhe, deu-lhe seu chapéu, retirando-se ao convento muito mortificado por não haver tido outra coisa com que socorrê-lo. Na noite seguinte, estando em oração, apareceu-lhe a Santíssima Virgem e pôs-lhe na cabeça uma coroa de flores; mas, embora tenha sido tão singular este favor, o santo não pôde deixar de manifestar que preferiria à de flores uma coroa de espinhos. Agradou tanto ao Senhor esta preferência que pareceu a Raimundo que o mesmo Jesus Cristo lhe punha na cabeça uma coroa em tudo semelhante à sua e que, apertando-lha fortemente, lhe ocasionava uma vivíssima dor.

Desejando o papa Gregório ter perto de si um varão tão santo, chamou-o a Roma. Obedeceu Raimundo, pôs-se a caminho; mas, chegando a Cardona, distante duas léguas de Barcelona, assaltou-o uma maligna febre que muito logo fez perder a todos as esperanças de sua vida. Não aparecendo o cura que lhe havia de administrar o santo Viático, e desejando Raimundo com vivíssimas ânsias recebê-lo, teve a consolação de que se lhe administrassem os santos anjos ou, como asseguram alguns autores, o mesmo Jesus Cristo, havendo muitas testemunhas desta maravilha. Enfim, rico de virtudes, consumido de trabalhos e de penitência e cumulado de merecimentos, morreu com a morte dos justos no dia 31 de agosto do ano de 1240, aos trinta e seis de sua florida idade. Logo que expirou, suscitou-se uma grande disputa sobre o lugar onde se lhe havia de dar sepultura. Os de Cardona protestaram com toda a resolução que nunca consentiriam em desprender-se daquele presente com que o céu os havia regalado: o clero de Barcelona pretendia que o enterro de um cardeal por direito lhe tocava a ele; e sua religião alegava os muitos títulos que a assistiam para a posse daquele tesouro achado em terreno próprio. Enfim, depois de muitos debates, convieram todos em que se havia de cometer a decisão daquele pleito à divina Providência. Que o santo corpo se encerrasse numa caixa; que esta se pusesse sobre uma mula cega, deixando-a caminhar sem guia nem condutor aonde ela quisesse, e que se lhe desse sepultura no lugar onde a mula parasse. Assim se fez: caminhou a mula muito tempo, seguida de inumerável gentio, e, atravessando montes e campos, ficou imóvel na ermida ou capela de São Nicolau, onde o santo havia recebido tantos favores do céu por intercessão da Santíssima Virgem. Movido deste prodígio São Pedro Nolasco, geral da ordem das Mercês, pediu a capela e uma porção de terreno naquele deserto para fundar nele um magnífico convento de sua religião, em cuja igreja repousam as relíquias do santo, honradas por Deus cada dia com novos milagres.

Martirológio Romano

Em Cardona, na Espanha, São Raimundo Nonato, cardeal e confessor, da ordem de Nossa Senhora das Mercês, da Redenção dos cativos, célebre pela santidade de sua vida e seus milagres.

Em Tréveris, São Paulino, bispo, que, no tempo do contágio ariano, foi desterrado por Constâncio, imperador ariano, em ódio da religião católica. Depois de haver percorrido diferentes desterros, morreu por último na Frígia, indo receber no céu a coroa devida a seus padecimentos.

Em Tréveris também, São Robustiano e São Marcos, mártires.

Em Trasacco, no país dos Marsos, perto do lago de Celano, a festa de São Césidio, presbítero, e seus companheiros, mártires, que receberam sua coroa na perseguição de Maximiano.

Em Cesareia, na Capadócia, São Teodoto, Santa Rufina e Santa Amia. Os dois primeiros eram os pais do mártir São Mamés, a quem Santa Rufina deu à luz estando no cárcere e a quem educou Santa Amia.

Em Atenas, Santo Aristides, célebre por sua fé e sabedoria, que apresentou ao imperador Adriano um livro sobre a religião católica contendo um tratado fundamentado de nossa crença e provou com um eloquente discurso, em presença do próprio imperador, a divindade de Jesus Cristo.

Em Auxerre, Santo Optato, bispo e confessor.

Na Inglaterra, Santo Aidano, bispo de Lindisfarne. São Cutberto, pastor de ovelhas, tendo visto sua alma subir ao céu, abandonou seu rebanho e se fez monge.

Em Nosco, Santo Amado, bispo.

No dito dia, Santa Florentina, venerada em Sisteron como virgem e mártir.

Na diocese de Nantes, São Vítor de Cambon, solitário.

Em Jouarre, em Brie, Santo Ebrígisilo, antigamente Evrelo, bispo de Meaux.

Neste mesmo dia, o trânsito de São Dionísio de Alexandria, confessor muito insigne.

Em São Paterniano, entre Fano e Fossombrone, São Morêncio, cujas relíquias são veneradas no dito lugar.

Na Etiópia, Santo Ambaso, abade, a quem pintam montado sobre um leão.

Em Wimborne Minster, no país de Dorset, na Inglaterra, Santa Cuthburga, princesa, virgem e abadessa.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Deus, qui in liberandis fidelibus tuis ab impiorum captivitate, beatum Raymundum, confessorem tuum, mirabilem effecisti; ejus nobis intercessione concede, ut, a peccatorum vinculis absoluti, quæ tibi sunt placita, liberis mentibus exequamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que tornastes admirável vosso bem-aventurado confessor São Raimundo no cuidado de resgatar vossos fiéis do cativeiro dos ímpios, concedei-nos, por sua intercessão, que, livres da escravidão do pecado, executemos com toda a liberdade de espírito tudo aquilo que é de vosso agrado. Por nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 31 da Sabedoria, e a mesma do dia VII, pág. 150.

Eclesiástico 31,8-11

> **Latim:** [8] Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. [9] Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. [10] Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. [11] Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: [8] Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. [9] Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. [10] Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: [11] Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Nota

«É muito verossímil que Jesus, filho de Sirac, autor deste livro, vendo a apostasia da maior parte dos judeus, ao princípio da perseguição suscitada contra o grande sacerdote Onias, no ano 3828 da criação do mundo, se retirou ao Egito, onde compôs esta obra.»

Reflexões

O que for provado desta maneira e for achado perfeito, esse gozará de uma glória eterna. Uma das maiores tentações do homem sobre a terra são as riquezas. O que as souber possuir sem apego, ou desprender-se delas sem angústia, ou perdê-las sem dor, esse será homem perfeito e digno de

uma eterna glória. Bem se pode dizer que as riquezas são um objeto que desperta todas as paixões; assim não há que admirar que excitem tantos movimentos vivos e impetuosos, nem que levantem tantas tempestades na alma. *Radix enim omnium malorum est cupiditas*: porque a cobiça, diz o Apóstolo, é a raiz de todos os males; e alguns que se deixaram levar dela, acrescenta o mesmo, desviaram-se da fé e caíram em muitas amarguras. É preciso um grande ânimo, um coração magnânimo, nobre e generoso para não se deixar deslumbrar de um vão resplendor que, dando nos olhos, penetra até o coração e o encanta com a esperança de todas as prosperidades que prometem as riquezas e dos gostos que facilitam ao amor-próprio, aos sentidos e às paixões. Ser pobre de espírito entre as riquezas e viver contente na pobreza e na necessidade é o mesmo que estar em meio do fogo e não se queimar; viver rodeado de aduladores e de lisonjeiros sem engrandecer-se nem ensoberbecer-se; estar metido em meio das ocasiões e não cair nelas; na verdade, poder viver sem temor do castigo e viver bem não é o menor de todos os milagres; mas muito infeliz é aquele estado em que é preciso um milagre para que um homem seja bom. E na verdade, segundo os princípios da fé, serão muito apetecíveis as riquezas? Poder-se-á deixar de temê-las muito, considerando quanto dificultam a salvação? Mais facilmente se compreende o generoso desinteresse dos primeiros fiéis, que absolutamente se despojavam de tudo, que a sórdida e vil cobiça dos cristãos de nossos tempos, a quem nada basta. Se nasceste em mediana fortuna, dá muitas graças a Deus porque te tirou o maior estorvo da salvação; se nasceste rico e opulento, teme muito o estado em que te achas e pede-lhe sem cessar que te livre de seus laços. As riquezas, segundo a expressão do Salvador, são espinhos; mas espinhos que punçam o coração mais que os sentidos. E quem não sabe ser mortal toda ferida no coração?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas, e o mesmo do dia IV, pág. 97.

Lucas 12,35-40

> **Latim:** 35 Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, 36 et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. 37 Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. 38 Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. 39 Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. 40 Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: 35 Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; 36 e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que,

quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. [37] Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. [38] E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. [39] Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. [40] Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Das diversões do campo e da aldeia

Primeiro ponto

Considera que nada nos deve causar tanta admiração como a ânsia com que todos procuram divertir-se no mundo, até aqueles que professam uma religião que nenhuma coisa inculca e prega mais que cruz, penitência e mortificação das paixões. As diversões em nossos tempos fizeram-se moda em todas as estações e em todas as idades. Não se pergunta já se é decente a um cristão ter uma vida regalona, ociosa e totalmente divertida; pergunta-se se os que fazem profissão de ser cristãos, os que creem o Evangelho, podem dispensar-se de fazer uma vida mortificada, se podem entregar-se inteiramente às diversões e ser verdadeiramente cristãos. Mas dizem que alguma diversão hão de ter ao cabo do ano e que o tempo mais próprio é o outono. Isto quer dizer em bons termos que no outono podem licitamente deixar de ser bons cristãos. Meu Deus! Em que parte de vosso Evangelho se encontrará esta doutrina? É verdade, respondem, que nos divertimos; mas nestas diversões não há coisa má. Mas de quando cá se descobriu um tempo, uma estação no ano em que é lícito a um cristão passar os dias e as semanas num eterno esquecimento de Deus? São porventura as paixões mais inocentes no campo e na aldeia que na cidade? É acaso menor o perigo pelo mesmo de haver mais liberdade, mais licença, mais ocasiões, menos recato e maiores tentações? Não se faz coisa má; bastante má é não fazer coisa boa em quem está obrigado a fazê-las sempre. Não se faz coisa má; pois quê, uma eterna série de diversões, de jogos, de banquetes, de conversações livres e desenvoltas, de visitas, de passeios licenciosos (porque nestas ocupações se emprega de ordinário o tempo destinado ao campo, à quinta e à aldeia), essa perpétua cadeia de ociosidade, de regalo e de passatempos, é coisa muito inocente? Consulta, consulta esses tristes despojos da inocência, miseráveis relíquias do naufrágio que padece regularmente nessa funesta estação. Ao ver nela tanta licença, poder-se-ia duvidar se o tentador, se o inimigo de nossa salvação, tinha proibição de entrar nesses lugares de passatempos; ou se as paixões que em todas as demais partes fazem tantos estragos se apagavam ao entrar nas casas de campo e nas quintas. Sem embargo, ali se vive, de ordinário, sem devoções, sem exercícios espirituais, sem o auxílio dos sacramentos, sem preservativos, sem circunspecção e sem desconfiança. Concede-se toda liberdade aos sentidos; corre sem freio o amor-próprio; solta-se a rédea ao pensamento; espalha-se o ânimo com inteira liberdade; o coração desafoga-se a suas anchuras; e reinará por muito tempo a inocência? Meu Deus, que de remorsos infrutuosos, que de lágrimas amargas excitarão

um dia as diversões do bom tempo!

Segundo ponto

Considera que não há em todo o ano tempo algum que nos dispense das obrigações essenciais da religião. Conhecer a Deus, amá-lo e servi-lo é o exercício de um cristão durante todo o curso de sua vida; isto é todo homem, diz o Sábio: *Hoc est enim omnis homo.* «Teme a Deus em todos os tempos e guarda seus mandamentos.» Este é o compêndio e como o epílogo de nossas obrigações. Nisto consiste, não só toda a perfeição, mas toda a sabedoria, toda a prudência, toda a bondade, toda a sã razão e o bom uso que se deve fazer dela. Possuir todas as demais prendas, fazer com a maior perfeição todas as demais coisas e não temer a Deus, não amá-lo e ofendê-lo é ser irracional, desprezível e mentecapto. Pois agora, de quando cá o outono, o bom tempo, aquela temporada que se passa no campo dispensou os cristãos de suas obrigações mais indispensáveis? Porventura Deus não é tão Deus, tão soberano e tão Senhor nosso no retiro do campo como no bulício de qualquer outra parte? Pois que autoridade superior à sua nos dispensa então dos exercícios da religião, das devoções, da leitura espiritual, do respeito, da devoção e assistência ao santo sacrifício da missa? Os domingos e os demais dias festivos perderão no campo sua solenidade? Não terão nele o mesmo vigor que na cidade, assim as máximas do Evangelho como as mais sagradas leis da Igreja? E não há sobrada razão para fazer estas perguntas ao ver como costumam passar alguns os dias naquela temporada em que se retiram a suas quintas? Valha a verdade: a que se costuma reduzir toda a santificação desses santos dias? Aparece-se precipitadamente na igreja com uma indecência verdadeiramente rústica e campestre; ouve-se uma missa, a mais breve que se pode, sem muita compostura, com impaciência e em contínuo movimento; nem se espera que acabe; consomem todo o resto do dia a mesa, o jogo, a caça, os passeios, o baile e as mais estudadas diversões; e pode-se dizer com verdade que os passatempos do dia de festa fazem muitas vantagens aos do dia de trabalho. Será muito cristã esta profana multiplicação de passatempos? Serão todos muito inocentes? Assiste-se então aos divinos ofícios? As pessoas de distinção se envergonhariam talvez de concorrer a eles. E depois disto pensar-se-á que as diversões do campo são muito inocentes; que no máximo são indiferentes; e, segundo a ideia de muitos, absolutamente necessárias. Convenho em que se pode ir respirar alguns dias no campo durante o verão; convenho em que este desafogo, este levantar a mão dos negócios, do estudo e das ocupações sérias é muito lícito de si e também muito conveniente; mas todas as diversões hão de ser cristãs, e o estar no campo a ninguém dispensa das obrigações essenciais da religião.

Reconheço, Senhor, a desordem do coração humano e desde logo a condeno. Espero, mediante vossa divina graça, ter sempre muito presente que não há estação, tempo nem lugar em que seja lícito desagradar-vos; e confio que de hoje em diante serão muito inocentes todas as minhas diversões.

Jaculatórias

> *Benedicam Dominum in omni tempore; semper laus ejus in ore meo.* Sl 33.

Sim, Senhor, em todos os tempos e em todas as estações do ano vos bendirei e vos servirei com fidelidade; sempre e em todas as ocasiões ressoarão em minha boca vossos divinos louvores.

> *Beatus vir qui timet Dominum; in mandatis ejus volet nimis.* Sl 111.

Bem-aventurado aquele que sempre teme a Deus e que põe todo o seu gosto em guardar perpetuamente seus divinos mandamentos.

Propósitos

1. Não se pode proibir a todo gênero de gentes todo gênero de diversões. Podem-nas haver muito inocentes, e com efeito há muitas que são muito lícitas. O fim é o que todas as deve regular. O ânimo continuamente aplicado pede necessariamente algum desafogo; o corpo fatigado com o trabalho pede de justiça algum descanso. As diversões podem distrair, mas não podem ocupar; hão de recrear o coração, deixando-o alegre, mas nunca arrependido. São perniciosas quando demasiadas. Não deve ser a paixão nem sua alma nem sua regra; para serem lícitas é preciso que sempre sejam cristãs.

Retira-te em boa hora ao campo por algum tempo; mas não te esqueças de que isto não te dispensa nas obrigações de cristão. Nenhum dia faltes a teus acostumados exercícios espirituais; antes hás de procurar fazê-los com mais fervor e com maior exatidão que a regular e ordinária. Assiste à missa todos os dias e nenhuma tarde deixes de ter meia hora de leitura espiritual e outra meia de oração, retirado em teu oratório ou em teu quarto, ou passeando só em algum lugar apartado. Quando se te permitirem algumas honestas diversões mais, não omitas as verdadeiras, que consistem no exato cumprimento de todas as tuas devoções. Se pela distância da igreja não puderes assistir às Vésperas nos domingos e dias de festa, não deixes de rezá-las em particular. No Rosário não te dispenses dia algum, como nem em ler algum momento num livro devoto durante o tempo que te mantiveres no campo. Hás de considerá-lo como uma espécie de retiro, ou ao menos por algumas horas do dia. O mesmo campo inspira recolhimento, mas o demônio o dissipa tanto que faz omitir nele os exercícios mais ordinários da religião. Previne estes artifícios e experimentarás a liberalidade e a doçura com que recompensa Deus imediatamente o fervor de uma alma cristã. Quando se observa tudo isto com fidelidade, experimenta-se de ordinário mais devoção no campo que em outras partes.

Fim do mês de agosto

Aqui termina o mês de agosto, tomo VIII do *Ano Cristão*.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:01 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:01 by Admin